

V SIANCO



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANÁLISE COGNITIVA 15 a 19 de setembro de 2025

Temática: O campo multirreferencial da Análise Cognitiva: Tendências e desafios na atuação profissional

Organização Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento



Apoio



Financiamento



ARTIGO CIENTÍFICO

EIXO TEMÁTICO: Difusão do Conhecimento

ESBOÇANDO UM CAMINHO DE DIFUSÃO PARA O MAPA CULTURAL IFBA- CAMPUS SALVADOR E SEU ENTORNO

Solange Maria de Souza Moura¹, Mauricio Vieira Kritz²

INTRODUÇÃO

Busco apresentar um relato do vivido, cuja pesquisa está em início de caminhada, após aprovação do seu projeto preliminar pelo Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC), com ingresso em 2025.1. Neste relato procuro situar o objeto e o fenômeno de investigação do projeto de pesquisa no âmbito da difusão do conhecimento, considerando o vínculo de pertencimento entre os termos partilha/ato de difusão, a partir dos conceitos de partilha do sensível (Rancière, 2009) e de ato responsável (Bakhtin, 2010). A percepção de tal vínculo, emerge do *insight* que tive nos processos de travessia da orientação da pesquisa. A pesquisa alicerçada na análise cognitiva, como campo emergente epistemológico e metodológico, nos possibilita olhar sobre o próprio caminhar para a modelagem do conhecimento que se inicia e albergar a pesquisa-formação na travessia.

O título Mapa cultural, uma cartografia de territórios possíveis de formação e arte e busca investigar trilhas de formação humana, ancoradas em pressupostos da

¹Doutoranda do PPGDC (IFBA), docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Estado da Bahia (IFBA) – Campus Salvador e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Processos Sociais (GPEC – IFBA).

²Orientador do projeto de pesquisa. Doutor em Matemática pela UFRJ, Docente do PPGDC, e Honorary Senior Research Fellow in Evolution & Genomic Sciences, da School of Biological Sciences, Faculty of Biology, Medicine and Health da Universidade de Manchester.

arte no âmbito do Mapa Cultural do IFBA Campus Salvador e o seu entorno- bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo, que possibilitem a modelagem de estratégias teórico-prático metodológico implicadas com uma formação plena.

Na pesquisa, tomamos, a princípio, a seguinte pergunta: quais estratégias teórico-práticas metodológicas podem ser geradas a partir dos saberes plurais do território Mapa Cultural, na perspectiva da formação humana e ancoradas em pressupostos da arte? O território investigado, do centro histórico de Salvador, se entranha na pluralidade de seus saberes que perpassam os movimentos de inclusão de vulneráveis, as poéticas do pertencimento a cidade e suas históricas disputas, o patrimônio material e imaterial, a memória, a cidadania participativa, a educação anticolonial etc. São linhas que se configuram como rizomas, que formam uma heterogeneidade de desenhos e possibilidades serem investigadas nos seus entrelugares - um devir de espectros referenciais tão necessários para refletirmos intervenções em instituições, equipamentos culturais e espaços formativos das comunidades envolvidas.

O Mapa Cultural IFBA – Campus Salvador, é, ao mesmo tempo, uma incubadora³ de projetos de pesquisa, ensino e extensão e um território de difusão dos saberes das comunidades envolvidas e dos produtos resultantes dos projetos desenvolvidos em coparticipação, dialogal e de escuta sensível com essas comunidades. Já cartografou e deu visibilidade a noventa e dois (92) pontos de cultura - agentes e produtores - dos bairros do entorno da instituição. O mapa, enquanto uma ação inicial de registro e difusão dos pontos de cultura, foi desenvolvido em uma plataforma aberta está hospedado no site institucional (<https://portal.ifba.edu.br/cultura/mapa-cultural>).

Entre os produtos oriundos dos projetos, os quais fiz parte da equipe como membro e orientadora, cito: 16 curtas documentais Caminhos Culturais que abordam o cinema, arte urbana, artesanato, teatro e performance, religiões, inclusões, educação, literatura, carnaval, inclusões, cidadania, gastronomia, capoeira, música e arquitetura; a Coletânea *ISISE* de materiais didáticos interdisciplinares, com 15 volumes que seguem trilhas de conhecimentos oriundas dos caminhos culturais; e a Galeria virtual Interativa, que traz na sua concepção estrutural e curatorial o tema da cidadania na sua inseparabilidade com os direitos humanos e a sustentabilidade.

³ Incubadora não no sentido *strictu*, mas como um útero que, desde 2020, acolhe e dá visibilidade a uma diversidade de projetos.

Os artefatos culturais produzidos nos projetos do Mapa Cultural envolveram um saber-fazer-sentir-pensar que contém os sentidos das experiências dos sujeitos das comunidades envolvidas. Sejam sentidos produzidos quando o sujeito vê o artefato nascer de suas próprias mãos ou quando ele participa da existência dele no momento de partilha por reconhecer-se nele, identificando-se e criando possibilidades de refazê-lo. Em ambos, ele não está alienado na sua relação com o artefato.

Nos interessa observar neste relato, os momentos de partilhas que (in)corporificam a existência do Mapa Cultural IFBA compreendidos aqui como um ato de difusão social do conhecimento, que se realiza enquanto formação humana.

É relevante pontuar que o uso do mapeamento cultural é uma realidade no nosso país e no mundo, e tem apoio de políticas culturais, a exemplo da Lei nº 13.018/2014, voltada para a difusão, fomento, memória e geração de pontos de cultura e pontões, como também em processos de empoderamento de bases comunitárias.

A partir de indícios revelados nas vivências com o Mapa Cultural IFBA, é que investigamos a sua potência como um território em que confluem, entrecruzam e se reconstroem saberes, que, operam na perspectiva de sistemas de aprendizagens e, portanto, de formação humana que contemplam pressupostos do sistema da arte. Compreendemos que há lacunas de investigação em tal perspectiva, sobretudo se considerarmos seu alcance na difusão de conhecimentos e os usos comumente atribuídos ao processo de mapeamento cultural.

APORTES TEÓRICOS

A busca dessa pesquisa por cartografar o Mapa Cultural IFBA Campus Salvador e o seu entorno – bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo, situa-o enquanto um território de existências e de vidas e, portanto, dinâmico. E o mapa, objeto desta pesquisa, por ser cultural, solicita um encontro com o conceito de cultura como produção de sentido, partilha de significados, pertencimentos, emoções e envolve práticas e interpretações (Hall, 2016).

No aporte teórico, ao considerar um diálogo com a possibilidade de uma cartografia do Mapa Cultural, esboçamos três linhas para um devir de entrecruzamentos e articulações, refletidas a partir das experiências do vivido na imersão com o mapa, as quais engendram intensidades de diálogos com as

categorias território, formação humana e arte. Na perspectiva deste texto, o relato se volta para vincular tais categorias na perspectiva da difusão de conhecimento.

O território é um conceito da geografia que pensamos em sua abrangência de dimensões simbólicas, culturais e existenciais (Sodré, 2002) e, um espaço-tempo vivido (Haesbaert, 2004), que diz respeito aos processos materiais e imateriais do cotidiano social. O que significa dizer que a partir dos estudos do território, compreendemos o Mapa Cultural na sua dinamicidade, por ter sua existência oxigenada pelos sujeitos das comunidades envolvidas (pontos de cultura) que lhes dão corpo e alma. Dessa forma, as experiências desses sujeitos é parte das cenas vivas do Mapa Cultural que o caracteriza como um território de criação e autocriação.

A linha do caminho da formação humana que buscamos ampliar estudos, diz respeito a uma formação do sujeito omnilateral. Tal concepção, é explicitada no processo educacional do Projeto Político Pedagógico do IFBA (PPI, 2012) no que diz respeito a uma formação integral, emancipadora, que abrange diferentes dimensões da vida humana - sensível, inteligível, estético, cultural, político e sustentável, entre outros.

O conceito marxiano de *omnilateralidade* está relacionado à essência humana como forma de superar o estado de autoalienação que opera na base da propriedade privada e, por conseguinte, do modo de produção capitalista. Uma formação omnilateral é constituidora de uma humanidade que envolve a dimensão estética e sensível (Marx, 2008, p.108). Na perspectiva aqui refletida, o ser humano total compreende o ser biológico, psíquico, sensível, estético, espiritual, cultural, social e político que nas suas diversas camadas cria, ouve, cheira, sente, pensa, intui, percebe, ama etc.

A totalidade do ser humano no processo de formação, diz respeito a uma autopercepção de sua incompletude (Freire, 2005) e envolve, um processo incessante de auto e hetero formação – o que aprendemos com as nossas histórias de vida, na relação com o outro (mundo, natureza diversa, pessoa etc.), e um “aprender o que está tecido junto” (Morin, 2004).

Em um processo de formação são articulados um saber-fazer-sentir-pensar em que nada é dado, mas instituído: o sujeito cognoscente se coloca no lugar da experiência com interações criativas, preenche de sensações, percepções e racionalidades provisórias que são dispositivos de re e co-criação e apropriação da realidade. A formação humana aqui esboçada diz respeito a um processo que envolve

a aprendizagem e a prática de valores emancipatórios – solidariedade, cooperação, justiça, respeito à diferença e (auto)cuidado com a vida. É uma formação para ser tecida em uma perspectiva polilógica – aberta para a outridade, que acolhe os diversos regimes de sentidos e níveis de percepção: uma teoriação que “é transdisciplinar e complexa” (Galeffi, 2020, p.752). “Nesse sentido, é preciso acrescentar ao conceito de Transdisciplinaridade o seu campo relativo à formação integral do ser humano [...]” (idem, p. 756).

Nas muitas possibilidades de conexões, próprias do rizoma e seus princípios (Deleuze e Guattari, 2000), imbricamos a linha da arte com as linhas da formação e do território, confirmando a arte como campo de conhecimento inerentemente transdisciplinar (Morin, 2003) e educador. A presença da arte na vida, requer que olhemos para esse campo na sua complexidade desenhada por suas dimensões – social, histórica, política, cultural e estética. (Moura, 2009)

O fazer do e no Mapa Cultural IFBA tem uma consonância com o processo de criação da arte na linguagem da *performance* e talvez por isso a produção desse fazer contenha o paradoxo da arte. Explicamos: ao mesmo tempo que a arte é circunstanciada pelo seu contexto histórico e social que a gestará e precisa ser compreendida nesse contexto, ela também se realiza no contato com o fora do seu tempo-espaço, com a experiência da outridade.

Ao articularmos a pesquisa sobre o fenômeno da formação humana em pressupostos da arte, no âmbito do Mapa Cultural IFBA, nosso recorte nesse campo de conhecimento procura dar relevo ao seu modo de ser/fazer, no como opera e na sua interface relacional. Essa interface perscrutada, enquanto marco existencial entre o artista e o público, transcende o ato de observar e cria conexões e vínculos, move emoções, provoca reflexões, gesta referenciais e reatualiza o objeto artístico. A arte na sua existência paradoxal caracteriza a dimensão estética.

A investigação do Mapa Cultural no âmbito da formação humana plena – no fazer– sentir– pensar, é atravessada pela dimensão estética, enquanto experiência do sensível, na ação relacional da arte - que a reatualiza, e na sua articulação com a estética e a política no pensamento da partilha do sensível (Rancière, 2009).

A partilha, aqui tomada para refletirmos sobre o objeto e o fenômeno no âmbito do Mapa Cultural IFBA, como ato de difusão inclui dois aspectos que o torna inexoravelmente responsável/ético (Bakhtin, 2010): o modo como esse ato opera na relação com a outridade, quem experiencia ou não a (in) formação acessada; e o que

está sendo difundido, a (in) formação produzida é um artefato, e, portanto, ação intencional que não há neutralidade.

Cabe salientar, de forma breve, que compreendemos o ato responsável, no âmbito do eu e do outro, a referência a uma atitude responsiva, que nos conecta à ideia de não podermos nos eximir de nossa responsabilidade do lugar de nossa existência em determinado tempo e espaço únicos. São os modos como nos implicamos e nos posicionamos ética e politicamente frente às questões em uma dada realidade. O ato, portanto, apresenta um sentido de compromisso social, histórico e individual que nos constitui na relação com o outro, considerando que: “um mesmo objeto, idêntico por conteúdo, é um momento do existir que apresenta um aspecto valorativo diferente, quando correlacionado comigo.” (Bakhtin, 2010, p.142).

Ao conectarmos, portanto, a difusão social do conhecimento no âmbito do território Mapa Cultural há um posicionamento ético e político sobre os dois aspectos salientados dessa partilha que aqui passa a ser refletida na concepção de partilha do sensível, haja vista o propósito de operarmos em pressupostos da arte aqui já evidenciados.

Sobre a partilha do sensível, Jacques Rancière enuncia que:

Partilha significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição em quinhões. Uma partilha do sensível é, portanto, o modo como se determina no sensível, a relação entre o conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas. (2009, p. nota da tradução).

A estética, pensamento e regime de experiência sensível, é inseparável da arte e da política e compreende a ideia de “partilha do sensível que dá forma à comunidade.” (idem). Arte, política e estética imbrincadas são lugares de dissenso e instauram comunidades nas suas especificidades.

A política é instaurada no momento de questionamento e tensionamento da ordem estabelecida (que decide quem toma parte ou não, quem sabe ou não), sendo o dissenso não um conflito de ideias, mas do regime de sensorialidades (Rancière, 2014). A arte é o lugar do dissenso ao propor novas formas de organização do sensível, novos arranjos na relação do visível e não visível, do dito e não dito etc. São nas suas fissuras e flexões que a arte opera. A partilha do sensível dá visibilidade e faz ver quem pode tomar parte do comum.

Como um gesto de insubordinação o ato da partilha do sensível estabelece uma divisão de proporcionalidade que poderíamos tomar na relação de um comum

que está para o universal, da mesma forma que as partes estão para o singular, por isso exclusivas. O que isso significa? O singular da partilha é um quinhão que nem todos – “o qualquer”, tomam parte, mas pode vir a tomar parte em uma nova partilha.

A partilha do sensível fixa, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas, e tem relação com o tempo, o espaço e o tipo de ocupação de quem toma parte. A atividade desempenhada é um indicativo para quem vai tomar parte ou não do comum. Por exemplo, no Caminho Cultural de inclusões um dos usuários do Centro de Convivência Irmã Dulce (em situação de vulnerabilidade seja social, psicológica, econômica etc.), no Santo Além do Carmo, acessará ou lhe será permitido acessar o Museu da Ordem Terceira, no mesmo bairro?

A circulação da palavra e da imagem embaralha a partilha, como possibilidade de igualdade democrática no tecido social. A partilha do comum que a arte produz, e que agora deslocamos para pensar o território Mapa Cultura no ato de difusão, pode ser compreendida no seu próprio regime estético que não tem o controle sobre a experiência do espectador (emancipado), de sua percepção, vínculos produzidos, interpretações e sentidos. E ao engendrar a partilha/ato de difusão dessa experiência produz uma comunidade comunicativa. Ao mesmo tempo, o mapa cultural hospedado em plataforma digital faz circular in(formações) que torna a partilha mais democrática.

A categoria arte, substancial na pesquisa do Mapa Cultural, guiará nosso olhar pelas experiências do sensível nas cenas do cotidiano, nas letras/palavras, imagens, movimentos, produções etc. que circulam em cada saber dos muitos sujeitos caminhantes que corporificam esse potente território de formação.

MÉTODOS

Focamos nesta seção, sobretudo, no caminhar proposto no processo de orientação do projeto de pesquisa, considerando o fato de estarmos com cinco meses de pesquisa, de março a agosto de 2025, e os *insights* provocados nesta travessia, que alimentaram o objetivo deste recorte, que procurou situar o objeto e o fenômeno de investigação do projeto de pesquisa no âmbito da difusão do conhecimento. Contudo, é necessário também tecer, de forma breve, considerações acerca dos caminhos metodológicos projetados para a investigação proposta.

A investigação proposta toma como caminho de pesquisa as bases da análise cognitiva, com o objetivo de analisar o Mapa Cultural IFBA Campus Salvador e o seu entorno – bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo, na sua

existência como território de formação humana ancorados em pressupostos da arte, para a modelagem de estratégias teórico-práticas metodológicas voltadas para instituições e equipamentos culturais locais que o mapa pode conectar e alimentar em rede. O recorte temporal sobre o objeto de investigação compreende o período entre 2022 e 2025.

Ao objetivar na pesquisa uma modelagem precisamos situá-la no contexto de investigação científica, ressaltando o necessário adensamento do conceito. A modelagem pode ser compreendida como “[...] — the process of building representations, mostly abstract, for objects or phenomena, mostly real — mostly, but not a fortiori abstract or real. Indeed, I may cover only some aspects of this process.” (Kritz, 2023, p.198). Tal processo de representação, ao constituir o modelo expressa aspectos essenciais do objeto ou do fenômeno.

Com relação ao campo metodológico e epistemológico da análise cognitiva que a pesquisa se inscreve, Teresinha Burnham caracteriza-o “como complexo e multirreferencial e que se estende pelas fronteiras de diferentes disciplinas/áreas do conhecimento.” (2012, p.31). E, no nosso entendimento, dissolvendo essas fronteiras (sem fusões) ao considerar a “pluralidade de lógicas (polilogicidade), de dimensões (pluridimensionalidade), bem como de significados (polissemia) [...]” (idem, p. 45).

Ao mesmo tempo a análise cognitiva nos possibilita dialogar com a ideia de método no seu caminhar (Morin, 2003), que se produz no seu processo de escuta sensível com os fenômenos observados, sem perder o rigor necessário a pesquisa. Somam-se a essa caminhada a cartografia e a pesquisa-formação (Josso, 2004).

Adentrando, mais especificamente, a etapa do processo metodológico de fato vivido na travessia de, quase, cinco meses de pesquisa, a proposta de orientação priorizou uma fase exploratória sobre o próprio texto do projeto, que consistiu em um trabalho acurado de observação sobre os termos que delineiam os seus objetos. Tratamos aqui de um caminho de organização no fazer da ciência e, por conseguinte, de modelagem do conhecimento, que utilizamos do instrumento do mapa conceitual para expressar-se como um modelo de representação e que, aqui, usarei o termo diagrama.

É importante pontuar que a pesquisa exploratória não subtrai o contexto também de pesquisa-formação aqui vinculada. Essa abordagem, pelo seu caráter autobiográfico, nos possibilita ao relatar perceber como a formação se processa e, no caso específico do fazer pesquisador, interrogar as representações do saber-fazer ao

rememorar e descrever os processos experienciados. É um trabalho de reflexão “sobre o que se passou e sobre o que foi observado, sentido e percebido. (Josso, 2004).” E o significado no processo. É dessa forma que caminhei neste relato.

A observação é reiterada na sua relevância na pesquisa e o observador é um condicionante no processo de modelagem e isso pode ser percebido pelas modificações de interpretação ocorridas no processo de releitura do diagrama provisório (modelo de representação). As modificações ocorriam nos significados (atributos) dos termos, durante o processo, e novas possibilidades de articulações entre eles surgiam. Conseqüentemente, os desenhos dos diagramas também se modificavam. No entanto, uma estrutura central de articulação entre alguns termos sempre foi mantida, por concentrar o cerne da pesquisa nas categorias território, arte e formação.

Um aspecto percebido na dinâmica vivida no ato da modelagem é a simultaneidade de seu caráter de objeto e fenômeno. No primeiro, os termos/palavras têm em si o caráter de objeto como algo que não modifica quando pinçados na perspectiva de um glossário. E no segundo, o caráter de fenômeno, pode ser expressa nas mudanças de configurações efetivadas e de significado atribuído aos respectivos termos. A representação do modelo de mapa conceitual, ainda em processo, tem resultado diferentes expressões gráficas. Por exemplo, o termo território inicialmente foi concebido na sua relação de poder e tal relação, após reflexões e questionamentos considerando a totalidade do Mapa Cultural foi provisoriamente retirada, o que interferiu em outros termos articulados à relação de poder.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Partimos da releitura da proposta do texto do projeto nos distanciando da própria autoria para poder observar as palavras que precisariam ser entendidos por diferentes pessoas. Exemplo: mapa, modelagem teórico prática metodológica (“o que é isso?”); cidadania participativa e inclusão (“não são as mesmas coisas?”).

Percebemos nesse processo dois pontos relevantes, os quais destacamos: filtrar os conceitos, redefinindo objeto observando o fenômeno – o que acontecia com o próprio projeto de pesquisa; e cuidar, previamente, da circulação de palavras que participarão, em algum momento, da partilha/ ato de difusão.

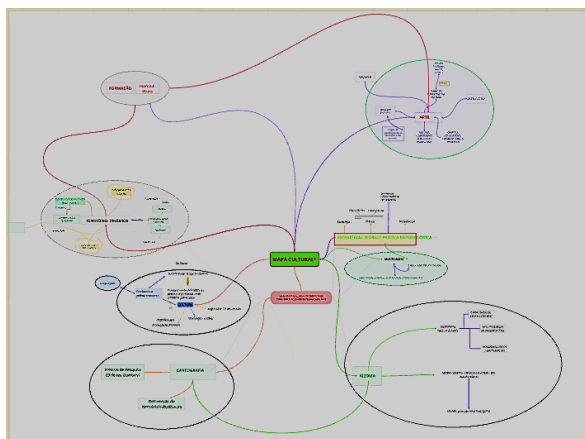
É interessante notar nas figuras 1 e 2, em uma breve análise de configurações de uma imagem que tenta expressar e representar um modelo (uma ideiação mental),

não dos conceitos presentes, a mudança de configuração na organização e plasticidade à medida que o estudo vai se depurando, tornando mais claro a retomada do projeto de pesquisa. Observamos na imagem realizada no início do processo (figura 1), uma configuração que sugere muita fluidez e pouca clareza e objetividade, o que ocasionou os desenhos em formas com tamanhos diversos, que não considerou uma certa hierarquia de relevância dos termos.

Na segunda (figura 2), há uma maior contenção no movimento e surge uma linha vermelha que passa a interligar as categorias de dimensão estética, de formação e de território. Também é possível notar, a manutenção de formas e cores para conceitos que se aproximam na hierarquia que constitui o conjunto de objeto propostos para investigação.

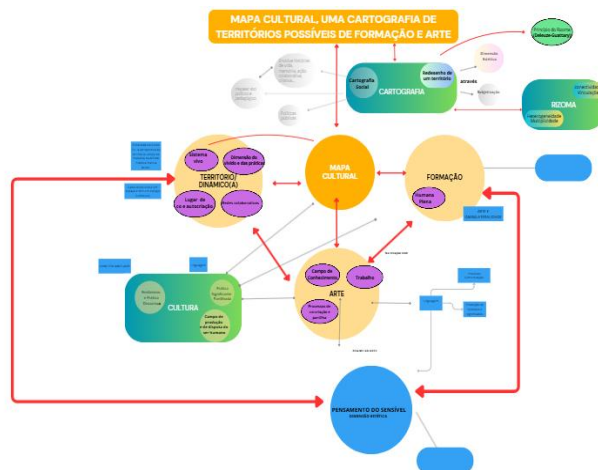
Na figura 1 são incluídos termos e expressões estruturantes no texto do projeto: mapa cultural, território, cultura, formação, arte, cartografia, rizoma, modelagem, estratégias teórico-práticas metodológica. Na figura 2 conectamos, inicialmente, uma quantidade menor de termos centrais - território, formação, arte, cultura e dimensão estética; e começamos a trabalhar também separadamente com os mapas conceituais que cada termo produz para, posteriormente, articulá-los a totalidade.

Figura 1 – Esboço 1 mapa conceitual



Fonte: Elaboração própria, 2025

Figura 2 – Esboço 2 mapa conceitual



A modelagem tem uma certa plasticidade que nos possibilita dispor de maneira diversa os objetos, dentro de uma lógica, e refletir sobre eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, em início de caminhada, a partir do conhecimento que se pretende modelar - estratégias teórico-práticas metodológicas geradas a partir da encruzilhada

de saberes plurais do Mapa Cultural IFBA, na perspectiva da formação humana plena e ancorada em pressupostos da arte, aponta indícios para aprofundarmos estudos com relação ao ato de difusão articulado a partilha do sensível como uma possibilidade de circulação democrática dos saberes do mapa cultural. Também, há um caminho de estudos sobre as comunidades comunicativas que emergem da experiência da partilha como

Percebemos ainda, com necessidade de adensamento, que a perspectiva da modelagem no caminho de orientação como um fazer metodológico na análise cognitiva, em uma fase exploratória sobre o desenho inicial do projeto, organiza o fazer científico no modo de operar do pesquisador ao potencializar a observação em uma atitude artificie, no seu pensar como artificie que convida a imaginação a tomar parte do processo. Foi no processo de aprendizagem de saber-fazer ainda inicial de modelagem que o *insight* da articulação entre difusão do conhecimento/partilha do sensível/ ato responsável foi se esboçando e seguirá estudos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. Para uma filosofia do ato responsável. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, vol. 1, 1ª edição, 2ª impressão, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GALEFFI, Dante. Teoriação polilógica in Transciopédia em difusão do conhecimento Dante Augusto Galeffi, Maria Inês Corrêa Marques, Marcílio Rocha-Ramos (organizadores). – Salvador: Quarteto, 2020. 866 p.: il.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Conferência proferida em Porto Alegre, setembro de 2004. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf> . Acesso em 24/07/2024.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Tradução: Daniel Miranda e Wulliam Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Apicuri, 2016.

KRITZ, Maurício V. Modelling as a process. Computational and Applied Mathematics (2023) 42:198 <https://doi.org/10.1007/s40314-023-02308-8>.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. Tradução: Jesus Ranieri. 1ª Edição, 2ª impressão. Boitempo Editorial, 2008.

MINISTÉRIO DA CULTURA. O MinC e os Mapas Culturais. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/mapasculturais/quem-usa/o-minc-e-o-mapa>. Acesso em 06 de Jul. de 2024.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Trad. Catarina Eleonora e Jeane Sawaya. 9 ed- São Paulo: Cortez Brasília, DF: UNESCO, 2004.

MOURA, Solange M. S. (2009). Tecendo olhares do ser negro: A dinâmica do ensino de arte na produção de espaços de pertencimento de afrodescendentes. Dissertação de mestrado. Repositório da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/29820>

RANCIÈRE, Jacques A partilha do sensível: Estética e política. - São Paulo: Ed. 34, 2ª edição. (2009).

_____. O espectador emancipado. Tradução: Ivone C. Benedetti. – São Paulo: WMF Martins Fontes. 1ª edição, 2ª tiragem: 2014.

PACHECO, Eliezer. Os Institutos Federais uma Revolução na Educação Profissional e Tecnológica. Disponível em http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/insti_evolucao.pdf. Acesso em 09 de mai. 2024.

SODRÉ, Muniz. O terreiro e a Cidade: A forma Social negro-brasileira. 3ª edição; - Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.